RELAÇÕES DE MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *UM RIO CHAMADO TEMPO UMA CASA CHAMADA TERRA, DE MIA COUTO*

Andiara Zandoná[1]

ANÁLISE DE *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO

A narrativa de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, ganha espaço em uma ilha, de nome "Luar-do-chão". Marianinho, personagem principal que carrega o mesmo nome do avô, Mariano, é chamado para regressar à sua terra natal, a ilha de "Luar-do-chão", para acompanhar os rituais fúnebres do possível falecimento do avô Mariano: "A bordo do barco que me leva a Luar-do-Chão não é senão a morte que me vai ditando suas ordens. Por motivo de falecimento, abandono a cidade e faço a viagem: vou ao enterro de meu Avô Dito Mariano (COUTO, 2003, p. 15)".

Marianinho faz essa viagem para reencontrar seu passado, o qual deixou para trás ao partir de Luar-do-Chão. Assim, ao reencontrar com seu passado, encontra também a identidade e as memórias de seu povo:

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transparências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

Toda a história gira em torno desse possível falecimento do avô, que parece não se desprender do mundo dos vivos até que tenha resolvido as pendências de seu passado. Mariano se comunica com o avô de forma misteriosa e vai desvendando aos poucos os segredos que giram em torno de sua família.

O tempo da narrativa não é linear, pois há muitos *flashbacks* nos momentos em que Marianinho toma conhecimento dos acontecimentos do passado. Como, por

[1] Graduada em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI.Especialista em Língua e Cultura Inglesa e Mestre em Literatura Comparada pela mesma Universidade. Atualmente, professora da Rede Municipal e Estadual no município de Cerro Grande – RS. E-mail: andizandona@gmail,com.

exemplo, no fragmento abaixo, quando sabe sobre o relacionamento de seu avô (pai) com o padre da ilha:

> Tinham tido sérias desavenças. [...] Na altura em que meu pai decidiu juntar-se à guerrilha. O padre Nunes foi chamado pela família a pedido de Dulcineusa. O português pediu a meu pai que reconsiderasse. Mas fazia-o a contragosto. É isso que agora me confessa: na altura, lhe apeteceu estar no lugar de Fulano Malta (COUTO, 2003, p. 88).

O espaço da narrativa é a ilha de "Luar-do-Chão". Ali, todos os fatos acontecem, sempre tendo como pontos principais a terra e o rio. Estes são peças fundamentais em todos os acontecimentos:

> No rio ainda havia buscas mas não restava esperança de encontrar sobreviventes. [...] Agora se entendia a súbita alteração dos elementos, nas primeiras horas da manhã. Quando o barco foi engolido pelas águas, o céu da Ilha se transformou (COUTO, 2003, p. 99).

O personagem principal é Marianinho, cuja missão vai além daquela que ele imaginava vir cumprir na ilha. Sua missão envolve todos os segredos da família que aos poucos vão sendo desvendados. Ele conversa muito com todos da família. Além disso, recebe bilhetes misteriosos, os quais lhe trazem valiosas informações. Inicialmente, ele se questiona sobre quem poderia ser o remetente:

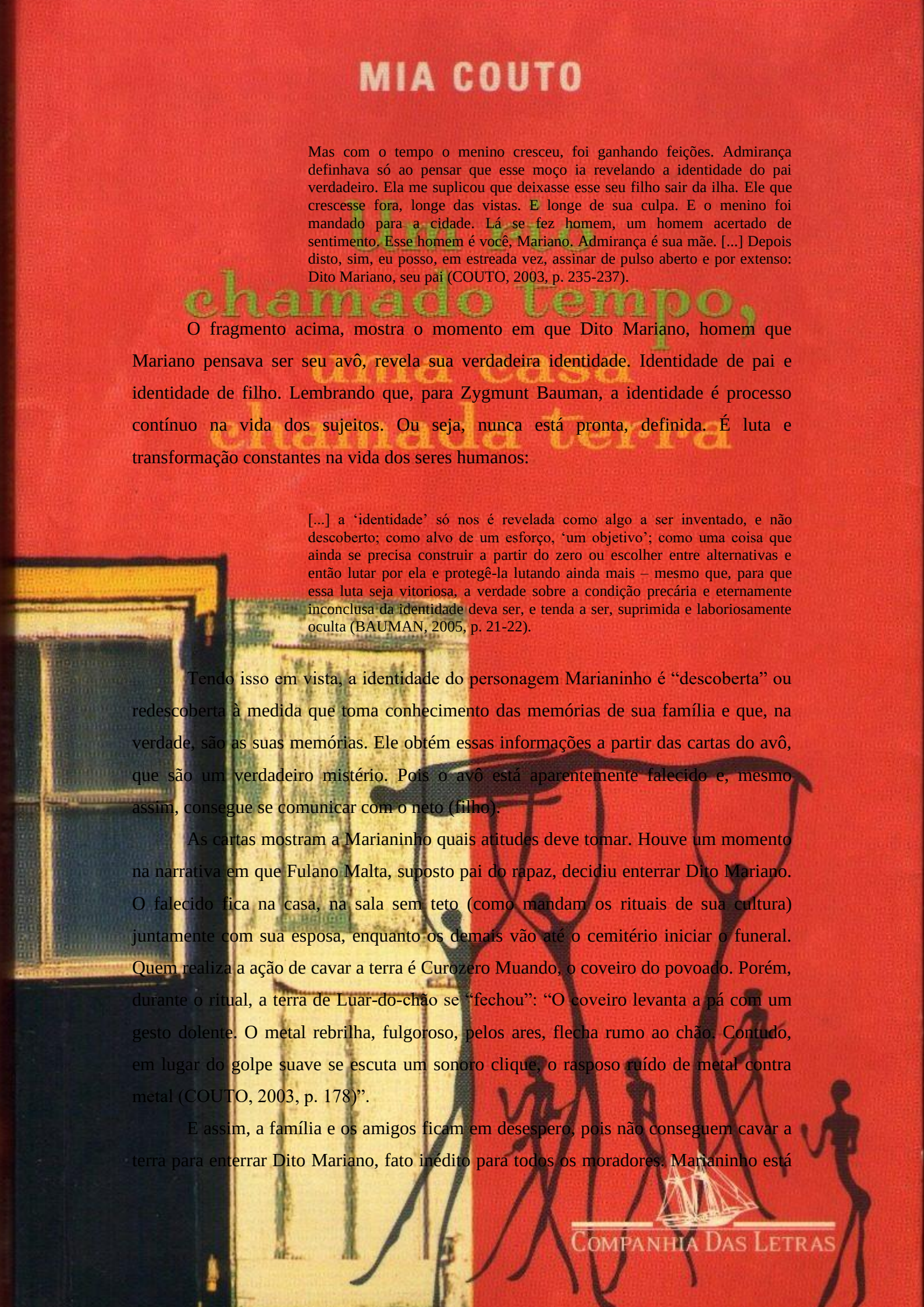
> Seria meu pai? Mas meu pai, que eu soubesse, nunca redigira nem assinatura completa. Abstinêncio? Talvez, mas por que motivo ele recorreria àquela enigmática comunicação? Admirança era mulher de falas, rosto no rosto. [...] Maiores suspeitas recaíam sobre Dito Mariano. O provável, no caso, era o impossível (COUTO, 2003, p. 126).

O fragmento acima esclarece que Mariano pensa em alguns membros da família como possíveis remetentes. Porém, ao final, conclui que há grandes possibilidades de o emissor ser seu avô, o que parece ser impossível, já que ele está deitado, sem se mover do lugar.

Os bilhetes continuam e, em um deles, o remetente decide se identificar: "Quem fala nestas cartas sou eu, seu Avô Mariano. Não se pergunte mais, não duvide de mais ninguém. Sou eu, Dito Mariano, o sombrio escrevente" (COUTO, 2003, p. 138)

Assim, desfaz-se o mistério em relação às cartas. Porém, algo ainda mais surpreendente é revelado por Dito Mariano. Os bilhetes trazem memórias acerca da família que Mariano não tinha conhecimento algum. Nas próximas cartas, o patriarca revela um segredo sobre Marianinho:

COMPANHIA DAS LETRAS



> Mas com o tempo o menino cresceu, foi ganhando feições. Admirança definhava só ao pensar que esse moço ia revelando a identidade do pai verdadeiro. Ela me suplicou que deixasse esse seu filho sair da ilha. Ele que crescesse fora, longe das vistas. E longe de sua culpa. E o menino foi mandado para a cidade. Lá se fez homem, um homem acertado de sentimento. Esse homem é você, Mariano. Admirança é sua mãe. [...] Depois disto, sim, eu posso, em estreada vez, assinar de pulso aberto e por extenso: Dito Mariano, seu pai (COUTO, 2003, p. 235-237).

O fragmento acima, mostra o momento em que Dito Mariano, homem que Mariano pensava ser seu avô, revela sua verdadeira identidade. Identidade de pai e identidade de filho. Lembrando que, para Zygmunt Bauman, a identidade é processo contínuo na vida dos sujeitos. Ou seja, nunca está pronta, definida. É luta e transformação constantes na vida dos seres humanos:

> [...] a 'identidade' só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, 'um objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Tendo isso em vista, a identidade do personagem Marianinho é "descoberta" ou redescoberta à medida que toma conhecimento das memórias de sua família e que, na verdade, são as suas memórias. Ele obtém essas informações a partir das cartas do avô, que são um verdadeiro mistério. Pois o avô está aparentemente falecido e, mesmo assim, consegue se comunicar com o neto (filho).

As cartas mostram a Marianinho quais atitudes deve tomar. Houve um momento na narrativa em que Fulano Malta, suposto pai do rapaz, decidiu enterrar Dito Mariano. O falecido fica na casa, na sala sem teto (como mandam os rituais de sua cultura) juntamente com sua esposa, enquanto os demais vão até o cemitério iniciar o funeral. Quem realiza a ação de cavar a terra é Curozero Muando, o coveiro do povoado. Porém, durante o ritual, a terra de Luar-do-chão se "fechou": "O coveiro levanta a pá com um gesto dolente. O metal rebrilha, fulgoroso, pelos ares, flecha rumo ao chão. Contudo, em lugar do golpe suave se escuta um sonoro clique, o rasposo ruído de metal contra metal (COUTO, 2003, p. 178)".

E assim, a família e os amigos ficam em desespero, pois não conseguem cavar a terra para enterrar Dito Mariano, fato inédito para todos os moradores. Marianinho está

tão preocupado que até sonha com possíveis formas de fazer com que a terra se "abra" novamente. Entretanto, quem lhe explica o motivo do fenômeno é o próprio Avô Mariano com seus escritos:

> Esta terra começou a morrer no momento em que começávamos a querer ser outros, de outra existência, de outro lugar. Luar-do-Chão morreu quando os que a governavam deixaram de a amar. Mas a terra não morre, nem o rio se suspende. Deixe, o chão voltará a abrir quando eu entrar, sereno, na minha morte (COUTO, 2003, p. 195).

No fragmento acima, é possível evidenciar que Dito Mariano está fazendo referência à identidade do povo de Luar-do-Chão. As pessoas estão esquecendo suas origens e, por vezes, deixando de ser como deveriam. O mesmo aconteceu com Mariano, que havia perdido contato com suas raízes e que, só volta a desenvolver esse contato quando, por motivo de pesar, precisa regressar à ilha.

Em relação à identidade, Bauman argumenta que, na modernidade, os indivíduos mantêm suas identidades *em movimento* e, além disso, "no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam" (BAUMAN, 2005, p. 33).

Assim é a identidade dos personagens da narrativa. Se transforma com o passar do tempo. Marianinho precisa tomar conhecimento dos mistérios que cercam a história da sua família, das suas origens. Por isso, as cartas se tornam carregadas de vestígios. Vestígios, esses, que poderiam ser denominados: rastros. Esse conceito foi abordado por Jeanne Marie Gagnebin, no texto "Apagar os rastros, recolher os restos".

Nesse texto, a autora comenta, primeiramente, a respeito do conceito de "rastro", esclarecendo que ele possui uma "complexidade paradoxal", a qual é caracterizada pela "[...] presença de uma ausência e ausência de uma presença" (GAGNEBIN, 2012, p. 27). Completando essa definição, ela acrescenta que "[...] o rastro somente existe em razão de sua fragilidade: ele é rastro porque sempre ameaçado de ser apagado ou de não ser mais reconhecido como signo de algo que assinala" (GAGNEBIN, 2012, p. 27).

O personagem principal da narrativa em análise precisa ser capaz de identificar os rastros que o avô lhe comunica e tentar compreender o porquê de tantos acontecimentos estranhos ao seu redor. Conhecer o passado de sua família é fundamental tanto para que o avô possa partir quanto para Mariano, que parece ter sido retirado da ilha para não tomar conhecimento da sua história.

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra

COMPANHIA DAS LETRAS

MIA COUTO

Dessa forma, o personagem principal, em contato com os familiares e com sua cultura, algo muito forte no povoado, pode enriquecer sua identidade. As descobertas da sua memória tornam mais claras suas origens, viabilizando, também, seu autoconhecimento.

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras realizadas e das análises feitas em relação à narrativa e às teorias de memória e identidade, é possível considerar que o personagem principal, Marianinho, recupera muitas informações de sua família ao voltar para a olha de Luar-do-Chão.

Os familiares, principalmente o avô (pai) Dito Mariano, têm função fundamental para auxiliá-lo a "juntar as peças" do seu passado. Esse passado, nada mais é do que parte da sua identidade, a qual é modificada a partir das memórias recuperadas. Essas memórias trazem muito mais do que apenas informações acerca da família: elas trazem muitos aspectos culturais africanos, como por exemplo os nomes.

Dessa forma, Marianinho, que era responsável por acompanhar os rituais fúnebres do avô (pai) Dito Mariano, toma conhecimento de sua própria história de vida, de sua origem e da cultura, da qual fora afastado ainda criança.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. Memory, individual and collective. In: **Contextual political analysis.** New York: Oxford, 2006.

_____. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011. Título original: **Erinnerungsräume:** formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Identidade:** Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Título original: **Identity**: conversations with Benedetto Vecchi.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BENJAMIN, Walter. "Experiência e pobreza"**.** In: **Walter Benjamin:** obras escolhidas Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COMPANHIA DAS LETRAS

_____. “O narrador”. In: **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne M. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina, GINZBURG, Jaime (orgs). **Walter Benjamin:** rastro, aura e história. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

_____. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. (Título original: **La Mémoire collective).**

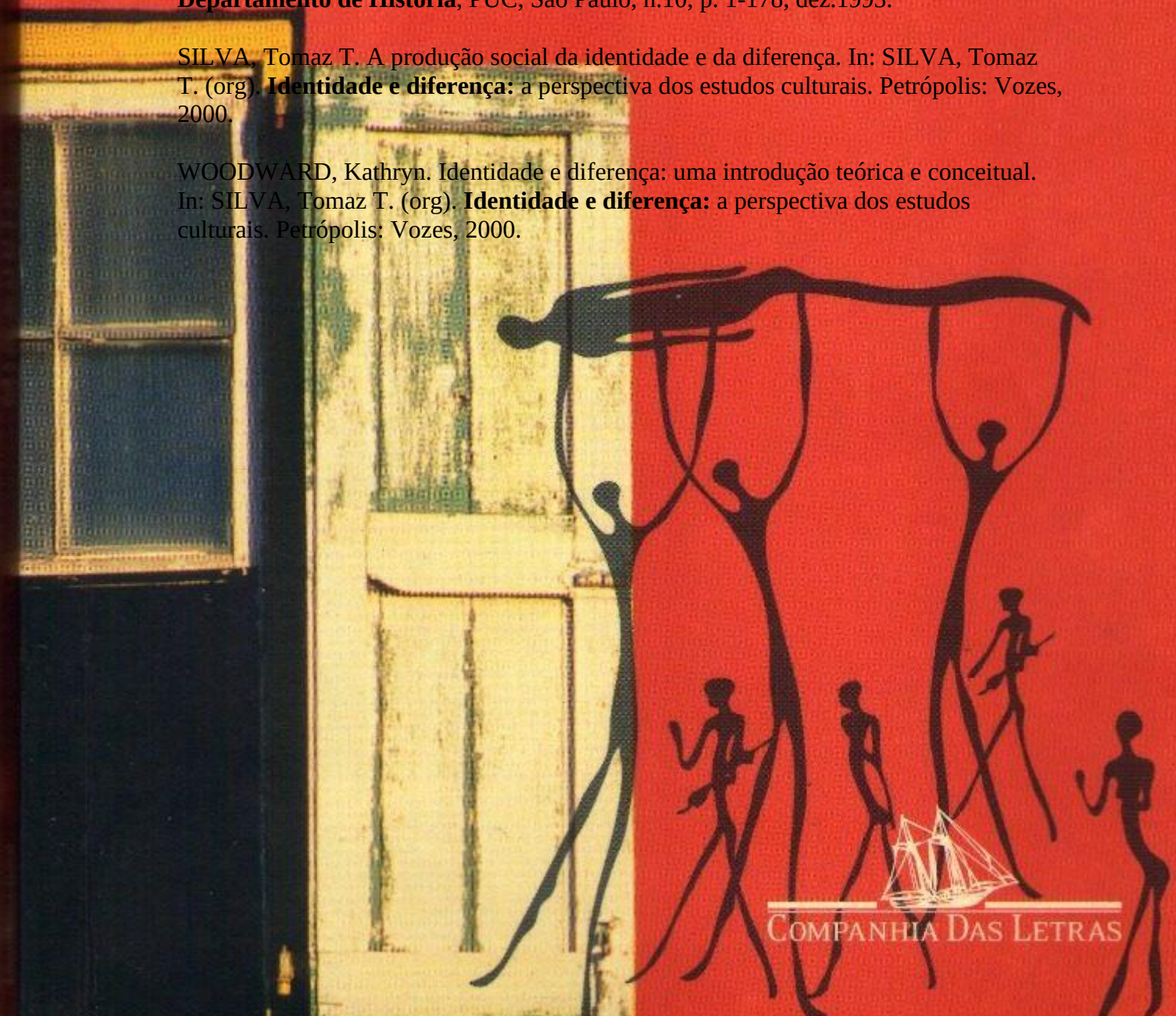
HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Edição eletrônica. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, PUC, São Paulo, n.10, p. 1-178, dez.1993.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. (org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

MIA COUTO
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra



COMPANHIA DAS LETRAS